

MICHELLE SCHOTT¹

(Paris, França, 1934)



Michelle Schott e o filho Alan.
Rio de Janeiro, Brasil, 1959.
Acervo: M. Schott/SP; Arqshoah/Leer-USP.

1 Entrevista concedida por Michelle Schott a Sarita Mucinic Sarue, pesquisadora do Grupo de História Oral do Núcleo de Estudos Arqshoah/Leer-USP. S. Paulo, 2 de setembro de 2015. Câmera: Laís Rigatto Cardilo e Laura Lemmi De Natali. Transcrição: Daniel Loeb. Transcrição e pesquisa: Maria Luiza Tucci Carneiro e Blima Lorber. Iconografia: Nanci de Souza Nascimento e Rebeca Moura.

o diário escrito por ele em uma espécie de “carnê”. Ali ele anotava tudo, a cada dia, contando o que eles faziam, onde eles iam, etc., etc., etc... Ele quase foi morto em Verdun. Considero esse “carnê” uma preciosidade histórica! Edmonne Guillou, por sua vez, era filha de Henri Edmond Guillou (1882-1941) e Marie Louise Pasquereau (1887-1991), residentes em La Roche-sur-Yon, antes de se mudarem para Paris. Tiveram três filhos: Yvonne, Gaston e Edmonne Guillou. Após a guerra, minha avó Marie Louise e minha tia Yvonne vieram nos encontrar no Rio de Janeiro, história que irei retomar depois.

Minha família, originalmente meus avós, era católica, inclusive eu fui batizada em julho de 1934 em Paris. Mas, após a Segunda Guerra Mundial, meus avós – tanto do lado da minha mãe, como do lado do meu pai – não queriam saber mais de religião. Então, ficamos sem religião. Em 1930, meu pai tinha uma turma com a qual costumava patinar no gelo. Ali, ele conheceu minha mãe e se casaram. Eu nasci dois anos depois do casamento.

Tempos de guerra e resistência

Lembro-me de que uma vez, por volta de 2010, meu marido e eu fomos visitar uns amigos no interior do Estado. Estávamos conversando quando, numa certa hora, o anfitrião me perguntou o seguinte: “Michelle, tem alguma coisa da Segunda Guerra Mundial que te marcou mais do que tudo que você lembre...?” Pensando rapidamente, respondi: “Não! Nada de especial...!” Quando voltei para casa, pensei comigo mesma: “Nossa, como é que eu nunca pensei mais nisso? Como é que eu fui esquecer uma coisa dessas? Sim, eu tinha uma grande história para contar ao Jayme. Uma saga que vou tentar reconstituir neste meu testemunho. Voltarei a comentar mais adiante.

Em 1939, nós estávamos provisoriamente residindo numa cidadezinha perto de Paris porque meu pai achou que era perigoso ficar na capital. Depois de morar lá alguns meses com meus avós Edmond e Marie Louise Guillou e minha mãe, de novo meu pai achou que a gente tinha que ir mais longe de Paris porque os alemães já haviam invadido o norte da França. Então, foi uma epopeia ir pelas estradas até a cidade de La Baule, no Atlântico. Nessa altura, tinha se juntado a nós minha tia Simone e meus dois primos: Jack e Michel. Fomos atravessando cidadezinhas, uma atrás da outra, e tentando achar onde dormir.

Lembro de uma cidade pequena, onde conseguimos ser hospedados por uma viúva que tinha uma parte da casa fechada e vazia. Ela nos deixou entrar e providenciou palha para dormirmos no chão. Tudo isso era realmente uma aventura.

Então chegamos – minha mãe, meus avós maternos, eu, minha tia e meus primos – à beira do mar em La Baule-Escoublac, uma estação balneária da região Loire-Atlantique, conhecida como Côte d’Amour, famosa por sua praia com 7 quilômetros de extensão. Meu pai teve que continuar em Paris porque trabalhava na Citroën, passagem que irei retomar depois. Ainda em La Baule, cheguei a ver soldados ingleses, pois os alemães ainda não haviam ocupado Paris. E lá foi a primeira vez que frequentei a escola primária. Meu avô Edmond Guillou me levava. Eu tenho um álbum com fotos desta época.

Álbum de família



Acima: Edmond Buyck (1875-1937), avô paterno de Michelle Schott, na Primeira Guerra Mundial. França, s.d.
Acervo: M. Schott/SP; Arqshoah/Leer-USP.

Ao lado: Edmond Guillou (1882-1941), avô materno [último à direita], na Primeira Guerra Mundial. França, s.d. Acervo: M. Schott/SP; Arqshoah/Leer-USP.



Michelle Schott (3 anos) com seu avô materno Edmond Guillou, e o seu primo Jack. Paris, 1937. Acervo: M. Schott/SP; Arqshoah/Leer-USP.



Michelle Schott, com 6 anos, ao lado de sua mãe Edmonne, em La Baule (Normandia). Acervo: M. Schott/SP; Arqshoah/Leer-USP.

Após a morte de André Citroën, a fábrica passou para as mãos da Michelin. Pierre Michelin, o novo proprietário, contratou Pierre Boulanger para ser seu braço direito, mas, após a morte de Pierre Michelin num acidente de carro em 1937, Pierre Boulanger foi nomeado presidente da Citroën. Se estou comentando tudo isso é porque este dirigente decidiu esconder todos os operários da Citroën para que não fossem levados pelos alemães para as fábricas de armamentos na Alemanha. Tudo isso descobri adulta. No dia 3 de junho 1940 a fábrica foi bombardeada em Paris. O escritório de pesquisas foi danificado. Não sei dizer se o comboio de caminhões saiu de Paris antes ou depois.

Citroën antes da guerra



19 3023 L'ILLUSTRATION 26 Juin 1929

La Première Voiture Française Construite en Grande Série

10HP éclairage et démarrage électriques

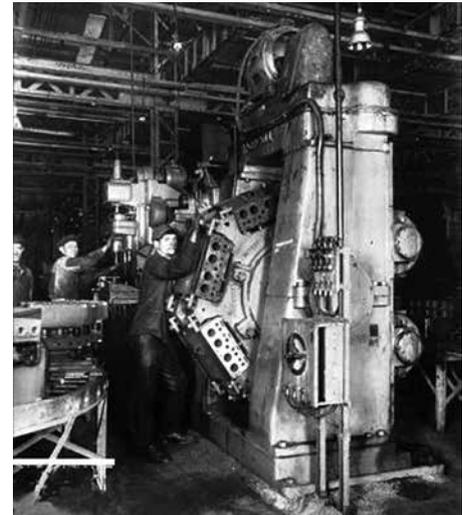
André Citroën

INGÉNIEUR CONSTRUCTEUR 113 A 115, QUAI DE JAVEL PARIS

Le Châssis est Livré		Complètement Equipé et Carrossé	
Torpedo 3 places idéal en voyageant	7.250 Fr.	Coupé de Ville	9.800 Fr.
Torpedo 4 places	7.950 —	Camionnette	7.200 —
Conduite Intérieure 3 places	8.000 —	Voiture de Livraison	7.400 —
Conduite Intérieure 4 places	9.000 —	Voiture de Voyageur de Commerce	7.250 —

CINQ ROUES GARNIES DE PNEUMATIQUES MICHELIN (DONT UNE DE RECHANGE)

Michelle Schott



Fábrica da Citroën em Javel, na França, antes de ser bombardeada pela Alemanha. Disponível em: <<https://www.citroen.com.br/universo-citroen/historia-da-citroen.html>>. Acesso em: 17 out. 2018.



Citroën em Javel antes (acima) e após o bombardeio de 3 de junho de 1940.



Fábrica da Citroën em Javel após o bombardeio pela Alemanha. Paris, 1940.

Disponível em: <<https://www.citroen.com.br/universo-citroen/historia-da-citroen.html>>. Acesso em: 17 out. 2018.

Meu pai ficou encarregado de levar a maioria dos operários da fábrica e todos os caminhões da Citroën para esconder no mato. Eu, com apenas 6 anos, fui junto. Lembro-me de tudo! Formaram um longo comboio saindo de Paris até Bordeaux, sendo meu pai o encarregado. Meu pai tinha um carro vermelhinho, conversível, que, segundo ele, era um protótipo. Os caminhões eram todos iguais, muitos e muitos, não sei quantos! Meu pai deveria ir e vir ao longo do comboio para ver se ninguém se perdia por alguma rota errada. Meu pai saiu de Paris com o comboio, mas antes passou rapidamente por La Baule para buscar minha mãe e eu. Meus avós maternos, minha tia e primos voltaram para Paris. Alcançamos o comboio em Niort.

Há poucos anos, fazendo minhas pesquisas sobre esses eventos, soube que um outro comboio, somente de “Citroën traction avant” (os carros executivos), também saiu da fábrica para Niort e que muitos moradores desta cidade esconderam, cada um, um automóvel em sua garagem durante a guerra!²

2 A Citroën foi fundada em 1919 por André Citroën, sendo hoje parte PSA Peugeot Citroën, com matriz em Paris. Durante a Primeira Guerra Mundial fabricou armamentos para a França e, em 1919, começou a produzir automóveis. Desenvolveu com sucesso o modelo convencional Type A e o Traction Avant, padrão adotado trinta anos depois pelo Mini e Volkswagen Golf. A produção do Traction Avant deu prejuízos, levando a empresa à falência, sendo adquirida pelo seu maior credor, a companhia de pneus Michelin. Durante a ocupação alemã da França, os investidores da Citroën continuaram com o seu trabalho e desenvolveram os conceitos que mais tarde chegariam ao mercado pelos modelos 2CV (dois cavalos). Devido a uma doença séria, André Citroën morreu em 3 de julho de 1935 e no seu lugar assumiu Pierre Boulanger, idealizador dos protótipos Type 23 e Type 45, lançados em 1941, após a reconstrução da fábrica de Javel. Cf. <<http://www.flatout.com.br/wp-content/uploads/2014/03/ds.1955-paris-motor-show.jpeg>>. Acesso em: 18 set. 2018.

Tanto minha mãe e eu, como os empregados da fábrica, viajamos dentro de caminhões levando nossos pertences. Depois eu soube que todos achavam que a guerra ia demorar somente três ou quatro meses. Então, o dono da Citroën pensou: “Eu vou esconder aqui no mato meus trabalhadores, os caminhões e tudo mais, durante uns quatro meses...”. Ele pagou a comida para sustentar esse grupo todo, sendo o meu pai encarregado de procurar alimentos, um monte de comida! Na época, eu era uma criança, mas percebi (já adulta) que Boulanger foi um homem especial por gastar tanto dinheiro para esconder seus funcionários. Ele morreu num acidente de carro no dia 11 de novembro de 1959.



Fábrica da Citroën em Javel após a saída dos operários em comboios de caminhões comandados por Raymond Louis Edmond Buyck, pai de Michelle. Acervo: M. Schott/SP; Arqshoah/Leer-USP.

Inicialmente, todos achavam que a guerra ia ser curta, mas mesmo assim Boulanger continuou a sustentar o grupo. Soube depois, que durante a nossa estadia na floresta “des Landes”, a Citroën, para impedir os alemães de levar os operários para a Alemanha, inventou um segmento chamado “La lutte contre le chômage” (A luta contra o desemprego) e dava um documento para cada operário onde constava “Affectation spéciale – Bûcheron” (Serviço especial – Lenhador)).

Nem todos aceitaram ficar escondidos naquela floresta. Sem saber quando a guerra ia acabar, foram, pouco a pouco, voltando para as casas de seus familiares ou para Paris. Soube por e-mails pessoais recebidos durante as minhas pesquisas que alguns operários decidiram voltar para a fábrica. Foram presos pelos alemães, que ocupavam a Citroën, e levados para a Alemanha para “trabalhos forçados”. Muitos desses homens não voltaram ou voltaram totalmente debilitados e/ou destruídos moralmente.

Chegamos à cidadezinha do Taillan-Médoc onde, nos primeiros dias, fomos hospedados. No meio da noite de 19 de junho 1940, a cidade de Bordeaux foi muito bombardeada

pelos alemães. Acordei assustada e do balcão da casa dava para ver o bombardeamento de longe, mas meu pai me disse que eram fogos de artifício. Foi o primeiro bombardeio que eu assisti. Conclusão: nós ficamos lá um ano e sete meses. Permanecemos em Taillan, a poucos quilômetros de Bordeaux, enquanto os operários com os caminhões ficaram escondidos entre os pinheiros, muitos pinheiros, na “Forêt des Landes” (Floresta das Landes)! Uma floresta de pinheiros de onde cortavam árvores para fazer casas de madeira. Foi uma saga, durante um ano e sete meses. É bastante tempo, muito, muito tempo, enfim!

Resistência ao nazismo

Esta foi uma forma de resistência, pois os operários da Citroën poderiam ser presos e levados para a Alemanha, assim como o meu pai, que era o encarregado de conduzir



Fábrica da Citroën em Javel durante a montagem do Type 23 e Type 45, lançados somente em 1941, após a reconstrução da fábrica.

o comboio e cuidar do acampamento. Poderiam ser todos fuzilados. Essas pessoas viveram um ano e sete meses escondidas na floresta. Depois deste tempo todo, eles não aguentaram mais e começaram a voltar para Paris. Uns foram morar com seus parentes ou se juntaram com as suas famílias. Até que não sobrou mais ninguém naquele local. O acampamento foi desmontado em 10 de setembro 1941.

Devo acrescentar mais uma coisa. Está certo que muitos, muitos franceses arriscaram a vida (e morreram) para tentar liberar a França. Alguns desses heróis foram reconhecidos, mas não devemos esquecer que muitas pessoas (anônimas e extraordinárias) também foram heróis. Por exemplo, na pequena cidade onde ficamos escondidos – na qual eu era chamada de “a parisiense” na escola que frequentava – era impossível os moradores não saberem que um grande grupo de trabalhadores da Citroën estava escondido no mato! Se uma dessas pessoas tivesse denunciado aos alemães, todos os dirigentes (meu pai e outros) seriam fuzilados e os operários levados para a Alemanha.

Então, para mim esses moradores do Taillan-Médoc foram todos heróis da resistência (por ajudar a França). Também heróis de outra forma, foram os fornecedores onde meu pai se abastecia de alimentos em Bordeaux. Obviamente, eles sabiam que aquelas toneladas de comida não eram para alimentar apenas a nossa família!

De vez em quando íamos até Paris para ver se a nossa casa estava ainda em pé. Uma vez saiu publicado em um jornal parisiense que os judeus eram obrigados a costurar uma estrela amarela nos casacos. Sim, saiu no jornal em Paris! Parte do povo de Paris ficou revoltada: “Que é isso? Vão marcar pessoas como gado? Três dias depois, muitos parisienses colocaram a estrela em suas vestes como um sinal de protesto. Eu ainda me recordo da minha mãe costurando ao meu lado: ela comprou um cetim amarelo e cortou estrelas de uns 7 cm de largura, e costurou no casaco dela. Isso eu me lembro muito bem. Eu ainda vejo minha mãe costurando e dizendo: “O que é isso? O que está acontecendo!!?” Só que ela não chegou a usar porque quando os alemães constataram que muitos parisienses estavam com a estrela amarela, confundindo-se com os judeus, desistiram! Disseram: “Não precisam mais usar a estrela!” Eu estou falando só de Paris, não sei como aconteceu nas outras cidades da França, pois eu era muito pequena.^A

Na fronteira da Suíça

Depois do fechamento do acampamento perto de Bordeaux, meu pai (não querendo voltar para Paris) procurou um emprego e achou um em Pontarlier, perto da fronteira

A-No dia 29 de maio de 1942, autoridades alemãs instaladas na França ocupada aprovaram a medida que obrigava todos os judeus ali residentes a usar uma estrela de David amarela em sua roupa. A medida foi aprovada após a reunião de um conselho das autoridades alemãs com o ministro da Propaganda, Joseph Goebbels. Assim como na Alemanha e demais países sob o jugo nazista, os judeus seriam identificados rapidamente entre as outras pessoas. A medida, no entanto, só entrou em vigor no dia 7 de junho daquele mesmo ano. Ao mesmo tempo, os prisioneiros eram enviados em trens que partiam da estação de Drancy para os campos de concentração nazistas. Uma coleção de fotos produzidas por André Zucca que, desde 1986, integram o acervo da Bibliothèque Historique de la Ville de Paris, foram divulgadas pelo jornal Daily Mail. DUARTE-PLON, Leneide. As fotos polêmicas de Paris ocupada. In: *Observatório da Imprensa*. Paris, 30 abr. 2008, edição 483.

da Suíça, onde existia uma fábrica de peças de automóveis. Ficamos hospedados na fábrica até conseguirmos alugar um (pequeno) apartamento. Permanecemos quase um ano. Havia muitos alemães em Pontarlier. Lembro-me de que eles andavam cantando pelas ruas (com passo de ganso – “le pas de l’oie” – como chamávamos), e lá estavam desde manhã até a noite. Meus pais falavam assim: “você não deve aceitar nenhum presente dos alemães, não aceite bombons e balas, pois podem estar envenenados”.

Após um ano, os alemães chegaram naquela fábrica e perguntaram:

— Por acaso vocês têm um funcionário que se chama Buyck?

— Não sei – respondeu Mr. Gurtner, proprietário da fábrica. Temos tantos funcionários, não sei dizer! Teria que olhar na lista do meu pessoal. Passem de novo amanhã de manhã, que aí eu vou poder lhes dizer se ele trabalha ou não aqui.

Imediatamente, Mr. Gurtner avisou meu pai que ele havia sido localizado. Consciente do perigo, meu pai pegou o trem naquela mesma tarde, e minha mãe e eu, logo de manhã cedo, pegamos um outro trem e fugimos. Ou seja: o proprietário daquela fábrica, Mr. Gurtner, salvou a vida de meu pai.

Nessa fuga, minha mãe e eu tivemos que baldear de trem para chegar a Paris. Na baldeação, não havia tempo de mudar de plataforma onde estavam parados os dois trens. A solução foi passar por uma janela do primeiro trem para o outro. Homens ajudaram a passar minha mãe e depois as malas e eu por último, mas nessa hora o nosso primeiro trem começou a partir. Foi um horror a minha passagem pelas janelas entre os dois trens. Homens me



Michelle e os pais Raymond Buyck e Edmonne em sua nova residência. Pontarlier, s.d. Acervo: M. Schott/SP; Arqshoah/Leer-USP.

empurravam e outros me puxavam para dentro do trem para Paris. Nunca senti tanto medo de ficar presa num trem que ia embora!!!

Depois fomos para Sainte-Suzanne, cidade próxima da fronteira da Suíça. Meu pai foi trabalhar numa outra firma lá, onde havia um hotelzinho, tipo pousada, bem simples. Nós ficamos por lá durante dois meses.

Em certo dia, meu pai descobriu que o dono da pousada em Sainte-Suzanne transferia



Raymond e Edmonne Buyck com o proprietário do hotel (de terno branco), responsável por atravessar judeus para a Suíça. Sainte-Suzanne, junho de 1943.
Acervo: M. Schott/SP; Arqshoah/Leer-USP.

clandestinamente judeus para o outro lado da fronteira suíça. Uma noite, meu pai foi ajudá-lo a levar uns judeus para o outro lado da fronteira e também para conhecer como se viravam. Ele foi uma vez só por curiosidade. Não me lembro do nome desse senhor porque eu fiquei só dois meses nesse lugar, mas tenho uma fotografia do meu pai com ele.

Operação resgate

Naquela época, não havia comida em Paris. Uma vez por mês, pegávamos o trem para levar frangos, legumes e frutas (que a gente plantava no jardim) para Paris. Tudo isso servia para alimentar meus tios e primos porque em Paris quase não tinha comida. Foi quando meus pais preferiram que eu ficasse separada deles porque acharam que ao lado delas seria melhor, enfim, bom. Mandaram eu morar com minha avó materna Marie Louise, então

viúva, e minha tia Yvonne, em uma casa com um jardim enorme que ficava em Montargis. Yvonne era solteira e professora de francês, história e geografia. Contaram-me depois que, em uma dessas vezes que meus pais foram para Paris, minha mãe foi até a feira e voltou sem nada. Meu pai foi logo dizendo que ela não sabia se virar e que ele ia à feira. E foi, mas voltou só com uma alface!

Em Sainte-Suzanne, no final do ano, organizaram uma festa na fábrica onde meu pai trabalhava há dois meses. Ele contou que nesta festa, todos que ali trabalhavam ganharam um busto do Marechal Pétain. Meu pai foi chamado para receber esse troféu no palco, e, fingindo tropeçar ao descer os degraus, caiu e quebrou (de propósito) o busto. Disse que lamentava muito! Sim, Pétain, aquele “nojo” que entregou a França para os alemães! Um nojo, um nojo! Por causa disso, muitos franceses (sem saber que Pétain já havia entregue a França), foram presos, enquanto outros lutavam no *front*, enfrentando os alemães por nada! Inclusive, meu tio Gaston, irmão de minha mãe, também foi feito prisioneiro, até o momento que meu pai conseguiu resgatá-lo.

A história é essa: meu pai, naquele dia que veio nos buscar (minha mãe e eu) em La Baule, aproveitou que estava com aquele protótipo da Citroën para tentar resgatar meu tio, então prisioneiro dos alemães num campo ali pertinho. Por coincidência, a placa do carro era semelhante àquela dos oficiais alemães. Tentou a sorte: foi até o campo de prisioneiros e informou que meu tio estava sendo requisitado pela Citroën. Como ele não falava uma palavra de alemão, forjou um documento num papel em branco com o timbre da Citroën e uma assinatura falsa, entrou no local e apresentou aquele papel. Assim, meu pai resgatou meu tio e o levou para La Baule. Eu vi minha tia, a esposa dele, abraçá-lo, chorando, chorando. Eu não entendia a razão, pois estava por fora deste plano de resgate, nem sabia que meu tio era prisioneiro. Eu tinha 6 anos. O importante é que meu tio foi salvo!

Violência e resistência durante a ocupação nazista

Um dia – durante o tempo que passei em Montargis na residência da minha avó Marie Louise –, uns alemães entraram na minha classe e falaram para a professora: “Nós estamos levando essa menina!” Eu havia acabado de chegar a Montargis, não conhecia muito bem

as coleguinhas da minha classe, não conhecia ninguém muito bem. Eram três oficiais da SS e procuravam por uma menina judia cujos pais haviam sido levados da casa deles. Agora estavam ali na escola para buscar a filha. A professora, cujo nome não me recordo, tentou conversar com eles:

— Vocês me desculpem, mas agora estou na minha classe, sou responsável por todas as crianças. Por favor, esperem lá fora e, quando a classe sair, vocês levam a menina! Mas aqui, dentro da minha classe, vocês não vão levar ninguém. Eu sou a responsável!

A intenção dela era fazer sair a menina pela janela e dizer que todas as crianças saíram da classe e que ela não sabia dizer para onde foi essa menina. Nem ouviram...! Mandaram a professora tomar banho e levaram a menina, bem ali na minha frente... Eu não a conhecia muito bem, nenhuma delas, mas essa é uma das coisas que nunca irei esquecer. Sabíamos que estavam levando os judeus para o campo de concentração, isso sim. Mas, desconhecíamos que havia forno crematório. Somente depois da guerra, quando os russos libertaram o primeiro campo de concentração e viram aquele horror, é que ficamos sabendo. Pensávamos que eles levavam os judeus para lá, onde eram mantidos como prisioneiros. Ninguém, ninguém sabia das atrocidades. Acho que nem os alemães que moravam na Alemanha, sabiam da real dimensão dessa catástrofe! Então, somente quando os russos descobriram, é que o mundo soube daquele horror total.

Vivi nessa casa com a minha avó Marie Louise durante muitos anos, cinco anos, entre 1942 a 1947. Ela quase me criou, mesmo depois do momento que meus pais foram residir em Paris após a guerra. Em Montargis, durante os bombardeios na escola, tínhamos que correr para um abrigo. As meninas da minha classe choravam muito. Umas choravam; eu ficava quietinha. Nunca chorei, nunca gritei enquanto as bombas caíam, mas assim que a sirene tocava de novo para avisar que o perigo havia passado, eu começava a bater os dentes, de reação atrasada. Lembro também que os últimos meses, antes da liberação da França, éramos obrigadas a usar uma máscara de gás, aliás, não sei bem porque até hoje, mas eu ia para a escola com a minha máscara (de criança) dentro de um tubo grosso pendurado no ombro. Lembro que minha tia detestava a dela, mas eu pessoalmente até que achava engraçado porque a gente parecia porquinhos.

Vozes do Holocausto

Em Montargis a comida era muito escassa, sendo controlada com *tickets* para pão e leite. Manteiga não existia, nem farinha, banha, queijo etc. Eu lembro as filas enormes que fazíamos para conseguir todos os dias pão ou leite. Eu voltava da escola e ia revezar com minha avó, que já estava na fila há meia hora na padaria, para conseguir um pedaço de pão comprado com *tickets*. Para o leite era uma hora de fila também. Assim, a gente se revezava. Era meio copo de leite para cada um, e minha avó e minha tia me davam a ração delas.

Havia *tickets* para tabaco também. Meu pai dava os dele para meu tio Gaston, que era fumante, mesmo assim não era suficiente. Lembro-me de que meu avô plantava tabaco e nós pendurávamos as folhas para secar. Eu era encarregada de picar as folhas, para depois dar para meu tio, que fumava cachimbo. Essas lembranças para mim – plantar legumes no jardim para nos alimentar, subir na macieira para colher com cuidado as maçãs, que depois ficavam no porão sobre ripas de madeira, para a gente poder consumir o ano todo – são lembranças muito boas, por mais que tenham acontecido em tempo de guerra!



Michelle e sua avó Marie Louise Guillou (1887-1991) trabalhando na horta de tabaco que “servia ao tio Gaston”. Acervo: M. Schott/SP; Arqshoah/Leer-USP.

Nos últimos três meses antes de junho 1944, eu não frequentei mais a escola, porque os alemães haviam requisitado ela e queimado tudo: documentos, carteiras e livros. Tanto é que, quando vim para o Brasil, não trouxe nenhum documento comprovando que havia estudado todos esses anos em Montargis. Infelizmente, os alemães queimaram tudo. Fiquei

apenas com uma carta da diretora da escola de Montargis e os documentos, é claro, das duas escolas onde estudei em Paris.

Outra coisa aconteceu em Montargis: por volta de julho de 1943, fui passar uns cinco dias com a minha mãe, que morava em Paris. Fui e voltei de trem, e devia retornar para a casa da minha avó. Mas, logo na saída da estação de Montargis havia um grupo de alemães que ordenava assim: “Você vai para a direita; você para a esquerda. Você para a direita, você para a esquerda!” Às vezes, separavam as pessoas que eram um casal. Eu fui colocada do lado direito com minha mãe. Em seguida falaram: “Todo mundo que está à direita pode ir embora.” Escutei, uns dias depois, a minha mãe, minha avó e minha tia falando (sem saberem que eu estava escutando), que as pessoas que estavam à esquerda foram fuziladas. Por sorte, fomos levadas para a direita. Esse ato foi uma represália, pois a resistência havia explodido um trem de munição dos alemães. Essas vinganças sempre aconteciam contra os civis!

Essas represálias eram comuns, mas uma das mais desumanas ocorreu no vilarejo de Oradour, perto de Limoges. Esse vilarejo tornou-se uma “cidade-mártir”: os nazistas chegaram no local, pegaram a população inteira e levaram as mulheres e as crianças para dentro da igreja. Atearam fogo na igreja, e todas morreram queimadas.^A Deixaram os homens do lado de fora e os fuzilaram. Apenas um homem do vilarejo sobreviveu, pois havia ido a uma cidade vizinha para fazer compras!!!

A maldade com os judeus foi terrível, porque era uma questão étnica, não uma questão da guerra, uma razão estúpida de uma mente doente! Os alemães (muitos dos

A-O “massacre de Oradour-sur-Glane”, como ficou conhecido, aconteceu em uma pequena aldeia de Haute-Vienne, nas proximidades de Limoges. Foi um ataque contra a população indefesa empreendido pela Terceira Companhia do Primeiro Batalhão de Regimento da Waffen-SS. Ocorrido em 10 de junho de 1944, este foi o maior massacre de civis cometidos na França pelo Exército alemão, resultando em 190 homens fuzilados, e 245 mulheres e 207 crianças queimadas na igreja. Total: 642 assassinatos. A população local assistiu à destruição de seus edifícios, que ficaram em ruínas. Tudo isso aconteceu após o desembarque das tropas aliadas na Normandia em 6 de junho de 1944, o “Dia D”, momento em que as tropas alemãs, dentre as quais a 2ª Divisão Panzer SS, da Waffen-SS do Reich, atravessavam o país em direção aos locais de desembarque para travar combate com as forças aliadas. A revanche contra a população de Oradour ocorreu após os alemães terem sido sabotados no caminho por ações da resistência francesa, conhecida como “maquis”. As ruínas de “Oradour-sur-Glane” foram mantidas por ordem do governo de Charles de Gaulle, como símbolo da violência e do terror nazista. Ataques semelhantes ocorreram em Lidice (República Checa) e Marzabotto (Itália) Cf. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Carte_division_das_reich_mai_juin_1944.png>. Acesso em: 18 set. 2018.



Ruínas da igreja de Oradour, onde 452 mulheres e crianças foram queimadas vivas pelas tropas da SS em 1944. Disponível em: <<https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Oradour-sur-Glane-Church-1275.jpg>>. Acesso em: 10 set. 2018.

quais estavam no Exército na França) expulsavam os judeus de suas casas, roubavam seus bens, seus quadros etc. Somente depois da guerra é que soubemos do horror total que acontecia na Alemanha, onde muitos judeus franceses morreram nos campos de concentração. Essa guerra de conquista, além de ter matado milhares de judeus, matou muitos civis franceses e pessoas da resistência, que também foram muitas. Havia muitas divisões da Resistência, espalhadas pela França inteira, para explodir trens de munições, organizar aterrissagens e decolagens de aviõezinhos vindos da Inglaterra, receber paraquedistas também e escondê-los.

Também todos os grandes castelos e castelos menores foram requisitados pelos dirigentes alemães, que roubaram todas as obras de arte que lá estavam. Os oficiais chegavam num castelo e falavam para os proprietários: “Seu castelo está sendo requisitado. A senhora

pega algumas roupas e sai já”. Era assim mesmo. Tudo mundo sofreu na França durante a invasão germânica.

Para falar da Resistência: o maior chefe de todas as divisões da Resistência na França inteira foi Jean Moulin. Muito famoso, tão famoso que foi, anos mais tarde, enterrado no Panthéon de Paris, o que aconteceu em 19 de dezembro 1964. Além de ser o chefe, ele ficou encarregado e conseguiu organizar vários centros da Resistência na França. Ele foi preso pela *Gestapo* no dia 21 de junho 1943, torturado e morto no trem a caminho de um campo de concentração na Alemanha, no dia 8 de julho. Ele nunca falou, e assim salvou a organização inteira da Resistência, pois como líder sabia de cada compartimento da rede. Após a morte de Jean Moulin, foi nomeado para o seu lugar Jacques Birgen, parisiense e figura importante na resistência francesa. O general Charles de Gaulle, na Inglaterra, foi quem o nomeou. Jacques Birgen era cunhado de André Citroën. Vejam que a Citroën pelo jeito fez bastante história no esforço de liberar a França!

Depois de comandar e organizar toda a Resistência, Birgen fundou, em fevereiro 1944, as *Forces Françaises de l'Intérieur* (Forças Francesas do Interior – FFI). Esses jovens soldados, superadmirados, lutaram para liberar a França. A *Gestapo*, que estava procurando Jacques Birgen todo esse tempo, alcançou-o na estação de trem de Clermont-Ferrand, no dia 12 de maio de 1944 (alguns dias antes do D-Day!!!). Vendo-se encurralado, engoliu uma cápsula de cianureto para não correr o perigo de divulgar, sob tortura, os segredos da Resistência!! Pouco conhecido pelo público em geral, Jacques Birgen foi reconhecido pelos amigos e companheiros como uma das mais puras figuras do combate clandestino.

Nossa rota de fuga

Em maio 1944, percebendo que a situação estava cada vez pior, meu pai saiu de Saint Malo, onde estava trabalhando, e veio com meu tio Gaston para Montargis, ambos de bicicleta. No entanto, a bicicleta do meu tio estava sem um pedal e a do meu pai sem pneus. Pedalaram durante vários dias e, em cada cidade pacata que eles dormiam, a cidade era bombardeada. Meu tio ficou em Paris. Meu pai conseguiu chegar onde eu estava com minha avó. Foi quando meu pai falou:

Vozes do Holocausto

— Gente, vamos embora nesse instante porque hoje à noite este local será bombardeado porque, por coincidência, eles estão seguindo uma rota junto à nossa...!

Minha mãe tinha acabado de chegar de Paris. Saímos todos pelas estradas, meu pai, minha mãe, minha tia e minha avó, procurando um lugar para ficar. Achamos uma fazenda bem afastada e longe de qualquer lugar onde poderia ter bombardeios. O lugar se chamava “La Vallée” (O Vale), onde havia também um *chateau*. Perguntamos ao fazendeiro se teria ali um lugar para nos hospedar. Ele disse assim: “Se vocês quiserem ficar lá perto de onde guardamos o feno, podem ficar. Lá tem um banheiro e dois quartos.” Então, ali ficamos. Alguns dias depois meu tio chegou de bicicleta, de Paris (distância bem longe), com uma carretinha atrás e meus dois primos dentro. Ele deixou-os com a gente e voltou a Paris, onde minha tia esperava um nenê.



Michelle na carretinha usada por seu tio Gaston para trazer seus primos de Paris. Fazenda em “La Vallée” (O Vale), perto da floresta, a 18 quilômetros de Montargis, julho de 1944.

Acervo: M. Schott/SP; Arqshoah/Leer-USP.

Estávamos ali quando soubemos que os Aliados tinham desembarcado na Normandia. Não vou contar a alegria e a choradeira! Depois do “D-Day” – 6 de junho 1944 – enquanto os Aliados marchavam do litoral para dentro do país, por incrível que pareça, uns alemães (que estavam fugindo) pegaram justo um caminhãozinho que estava encostado na casa onde nós estávamos. Lembro-me de ter visto um grupo de alemães encostado atrás daquele *chateau* até o momento que chegou um tanque alemão e foi deixado ali, parado bem junto da nossa parede. Nós estávamos apavorados. Pegamos galhos para cobrir o tanque alemão, que chamava a atenção e poderia ser bombardeado pelos americanos. Esta foi a primeira vez que entrei em pânico. Eu falava para a minha mãe: “Vamos embora, vamos embora, vamos embora, mamãe!” Mas ela também estava em pânico, assim como a minha tia e a minha avó. Meu pai aconselhou não sairmos dali, pois poderíamos ser metralhados nas estradas pelos aviões ingleses. “Vamos ficar aqui mesmo! Se bombardearem, paciência!”, dizia meu pai.

Acontece que ele, junto com os empregados do *chateau*, tinha construído uma “tranchée”, como na Primeira Guerra Mundial. E, com o conhecimento do serviço militar, meu pai tinha o “know-how” da construção. Era um bruto abrigo cavado na terra, excelente, todo com alicerces de madeira e com um metro de terra em cima. Tinha duas entradas enviesadas em cada ponta do abrigo, para tiros de metralhadoras não entrarem retos. Tinha água, um pouquinho de comida e pronto socorro. Podia abrigar o pessoal da fazenda, os donos do *chateau* e seus empregados, e nós. Só teríamos morrido se uma bomba caísse justo em cima desse lugar.

Enquanto estávamos em Montargis, devíamos tomar muito cuidado. À noite, por exemplo, minha avó e a minha tia Yvonne escutavam, escondidas, a rádio BBC de Londres, onde costumava falar o General De Gaulle. Se elas fossem pegas escutando esse programa de rádio poderiam ser fuziladas. Era assim mesmo, o reino do terror. Qualquer desculpa servia para fuzilar gente como nós. Mas, era uma forma de saber as notícias do que realmente estava acontecendo. Importante: muitas vezes, através do rádio, os grupos da Resistência se comunicavam usando um código, informando (por exemplo): onde deveriam descer os paraquedistas ou que iriam preparar o terreno com duas luzes no meio do campo para o avião aterrissar etc. Então, a atuação desta rádio foi importante para falarem em códigos. Cansei

Vozes do Holocausto

de ouvir frases sem sentido como estas: “A minha tia queimou o frango”, “Tal pessoa andou na rua e tropeçou”, “Amanhã a vaca branca vai estar no pasto verde”. Uma vez usaram um poema de Verlaine, grande poeta francês que eu conhecia da escola: *Chanson d’Automne*”. Ouvi a primeira estrofe, depois de novo, de novo! Escutei a primeira estrofe deste poema por mais de um mês... A primeira estrofe do poema de Verlaine era: “Les sanglots longs des violons de l’automne”. Nunca ouvi a segunda estrofe, que servia para avisar a Resistência que “estavam desembarcando amanhã”. Ainda, naquela altura, nós estávamos escondidos na fazenda.

Uma coisa diferente da guerra e que poucas pessoas sabem, a menos que estivessem lá, é que havia o que se chamava “*Défense passive*” (Defesa passiva). Quer dizer que todos os vidros das janelas eram pintados com tinta azul grossa, além de terem cortinas que permaneciam fechadas de noite. O motivo era para os aviões americanos ou ingleses não conseguirem localizar as cidades durante a noite para bombardeá-las. As cidades tinham que ficar no escuro total, e lembro-me de que de noite, às vezes, uns vigias alemães apitavam na



Chegada dos americanos em “La Vallée”, 1944. Acervo: M. Schott/SP; Arqshoah/Leer-USP.

frente de casa. Isso queria dizer que ainda passava algum fecho de luz pelas janelas e minha avó imediatamente verificava. Aliás, não adiantava muito porque os aviões americanos lançavam foguetes de luz que iluminavam a cidade quase como o dia. Lembro-me de que fiquei traumatizada com essa cor azul por causa disso. Até mesmo, já no Brasil, detestava essas pinturas azuis. Ainda bem que passou, porque hoje em dia adoro as casas de Paraty, com janelas e portas azuis.

Ficamos escondidos naquela fazenda em “La Vallée” até que chegou um jipe americano distribuindo chicletes e chocolates para todas as crianças. Até hoje me recordo desse acontecimento. Depois que os americanos chegaram de jipe, nós voltamos (todos) de bicicleta para Montargis. Nesta época eu tinha 10 anos. Andei cerca de 30 quilômetros com a minha bicicleta, e ainda trazendo outra que meu tio havia deixado no local. Minha mãe, minha tia e minha avó carregavam todos os nossos pertences e meu pai levava meus primos na carretinha.

Quando chegamos à casa da minha avó em Montargis, de repente, descobrimos que o jardim estava cheio de cápsulas de balas de fuzis, metralhadoras e até aquelas grandonas de



Entrada dos americanos em Montargis, 1944. Acervo: M. Schott/SP; Arqshoah/Leer-USP.

metralhadora de avião. Algumas não estavam detonadas. Catamos todas e, falando com vizinhos, soubemos que deveríamos levar na prefeitura, o que meu pai fez.

Últimos meses na França



Michelle Schott (à frente de branco), sua tia Yvonne e amigos comemorando a libertação da França pelos Aliados. Montargis, 1944. Acervo: M. Schott/SP; Arqshoah/Leer-USP.



Michelle Schott (à direita) ao lado de sua mãe, a tia Yvonne e a avó Marie Louise Guillou após uma enchente que inundou o jardim da residência. Montargis, fevereiro de 1945. Acervo: M. Schott/SP; Arqshoah/Leer-USP.



Michelle Schott (à direita) ao lado de sua mãe, a tia Yvonne e a avó Marie Louise Guillou após uma enchente que inundou o jardim da residência. Montargis, fevereiro de 1945. Acervo: M. Schott/SP; Arqshoah/Leer-USP.



Michelle Schott visitando Notre Dame. Paris, junho de 1948.
Acervo: M. Schott/SP; Arqshoah/Leer-USP.

O Brasil como refúgio

Em 1948, o meu pai pensou em emigrar para a Austrália, mas acabamos vindo para o Brasil. Esta é uma longa história: meu pai falou que gostaria de ir longe, longe, longe... o mais longe possível, por achar que chega de Europa, porque aqui só tem guerras, uma depois da outra! Austrália? Vamos para a Austrália que é bem longe. Eles procuraram a embaixada em Paris, onde explicaram que tinham uma filha. O sexo dos filhos parece que era importante para conseguir vistos permanentes, porque parece que, naquela época, faltavam mulheres na Austrália. Foram autorizados e, quando já estávamos com os passaportes prontos para viajar, meu pai comentou com a minha mãe:

— Olha, acho a Austrália meio complicada, pois não falamos inglês! Vai ser duro, não é mesmo? Acho melhor a gente ir para um país latino, para a América do Sul, onde se fala espanhol. Nós vamos conseguir falar uma língua latina!

Meu pai pegou um mapa, olhou, olhou e disse:

— Vamos para o Chile? Não... está cheio de terremotos. Não dá! Então, vamos para Argentina. Não, Argentina está cheia de revolução, então vamos para o Brasil. Brasil, isso aí, nossa!!!

Lembro-me muito bem deste momento, pois eu já tinha 14 anos. Inclusive, naquela época, eu estava aprendendo inglês, fazendo intercâmbio. Nessa ocasião, após a guerra, veio uma inglesa passar quatro meses na nossa casa e, no ano seguinte, eu deveria ir para a Inglaterra aprender inglês. Eu não falava inglês, certo? Foi quando decidiram emigrar para o Brasil. Aí meus pais falaram:

— Não, você primeiro vai para a Inglaterra, porque já recebemos a moça aqui na França e agora é sua vez de ir para lá. Nós vamos para o Brasil e depois que você poderá nos encontrar.

Eu logo respondi:

— De jeito nenhum! Eu quero ir para Brasil porque a Inglaterra é um lugar frio, um lugar feio, mesmo agora sendo verão, e ainda mais sempre chove. Eu quero ir já para o Brasil, quero ver o sol, por favor!

Finalmente concordaram! Saímos da França em agosto. Eu estava feliz da vida. Sabia que o Brasil era um país cheio de sol, diferente da França onde, durante o inverno, acendíamos a luz às 4 horas da tarde! Quando morávamos em Pontarlier, às vezes caía dois metros de neve!!! Então, Brasil! Nossa! Cheio de pássaros, lindos bichos (adoro bichos!), natureza (adoro natureza). Eu não poderia viver sem ver o verde! Eu não poderia viver nesses países que só têm pedra, como nos países árabes, que só têm pedra. Então, acho que ia morrer!

Finalmente, partimos do porto de Le Havre no começo de agosto de 1948 em um navio da Lloyd Brasileiro, o *Cantuária*, que trazia a bordo 22 estudantes brasileiros que haviam estudado na França. Nós viajamos como imigrantes com vistos permanentes emitidos pelo consulado-geral do Brasil em Paris, em 16 de abril de 1948, conforme consta da ficha consular de qualificação do meu pai.



Michelle (com 14 anos) e sua mãe aguardando o navio da Lloyd Brasileiro no porto de Le Havre, agosto de 1944. Acervo: M. Schott/SP; Arqshoah/Leer-USP.

MODELO S.C. 130

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL **81737**
FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no porto de destino

Nome por extenso BUYCK Raymond Louis Edmond
Admitido em território nacional em caráter permanente
(temporária ou permanente)
Nos termos do art. 9 letra do dec. n. 7287 de 1945
Lugar e data de nascimento Paris 20.8.09
Nacionalidade francesa Estado civil casado
Filiação (nome do Pai e da Mãe) Edmond Joseph Profissão tecnico
Residência no país de origem Paris
NOME IDADE SEXO

FILHOS MENORES DE 18 ANOS	NOME	IDADE	SEXO
	<u>Michèle</u>	<u>14 anos</u>	<u>feminino</u>

Passaporte n. 33831 expedido pelas autoridades de Pref. Pol. Paris na data 20.3.47
visado sob n. 845

ASSINATURA DO PORTADOR:
Buyck

SELO CONS: 
Consulado Geral do Brasil em Paris em 16 de abril de 1948
O CONSUL:
Sotéro Cosme
Sotéro Cosme Cônsul Adjunto

NOTA—Esta ficha deve ser apresentada à migração pela autoridade consular, sendo as duas vias em original.

Ficha consular de qualificação de Raymond Louis Edmond Buyck, pai de Michelle (14 anos), emitida pelo consulado-geral do Brasil. Paris, 16 de abril de 1948. Acervo: Arquivo Nacional/RJ; Arqshoah/Leer-USP.

Vozes do Holocausto

NOME 5223 R. Janeiro			SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA DELEGACIA DE ESTRANGEIROS			
PAI 05222 EDMONNE ARIE BUYCK	R. E. 782551					
MÃE HENRI EDMOND GUILLOU	R. G. 5 704530			FICHA DE ESTRANGEIROS - F. E.		
NACIONALIDADE Francesa	NATURALIDADE CIDADE Le Roche Sur Yon França	RESIDÊNCIA Rua São Benedito 1765 Boa Vista				
ESTADO CIVIL Casada	DATA DO NASCIMENTO 03-10-1910	EMPRESA EM QUE TRABALHA				
GRAU DE INSTRUÇÃO secundaria	PROFISSÃO D. detm.	ENDEREÇO DA EMPRESA				
SEXO feminino	CABELOS cast.	OLHOS cast.	LOCAL DE DESEMBARQUE R. Janeiro			
ALTURA feminino	CÓDIGO cast.	OUTROS azuis	DATA 24.07.1948	CARACTER DO DESEMBARQUE Perm. Art.		
SINAIS PARTICULARES			DOCUMENTOS Obteve Cart. Identidade em 17.11.1971.			
ASSINATURA DO IDENTIFICANDO			DATA DA IDENTIFICAÇÃO			
FEITA POR			CONFERIDA POR		VISTO	
SECRETARIA DA FAZENDA S. Paulo, 27/2/81			ÓRGÃO DE ORIGEM PROTOCOLO		PROTOCOLO SEDE	
S. G. - S.S.P. - Mod. 18-A						

Registro de Estrangeiros de Edmonne Arie Buyck. Secretaria de Segurança Pública do Rio de Janeiro. Acervo: Arquivo Nacional/RJ; Arqshoah/Leer-USP.

40129 Rio de Janeiro			SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA DELEGACIA DE ESTRANGEIROS			
PAI MICHELLE GILBERTE MARIE BUYCK	R. E. 788280					
MÃE Raymond Buyck	R. G. 5 612172			FICHA DE ESTRANGEIROS - F. E.		
NACIONALIDADE Francesa	NATURALIDADE CIDADE Paris França	RESIDÊNCIA na Niagara 51- Brooklin				
ESTADO CIVIL desq.	DATA DO NASCIMENTO 25-março-1934	EMPRESA EM QUE TRABALHA CHRYSLER DO BRASIL S/A				
GRAU DE INSTRUÇÃO super.	PROFISSÃO Indust.	ENDEREÇO DA EMPRESA Via Anchieta, Am. 23				
SEXO fem	CABELOS cast	OLHOS cast.	LOCAL DE DESEMBARQUE R. J.			
ALTURA 1.68	CÓDIGO branca	DATA 21.3.1957				
SINAIS PARTICULARES			CARACTER DO DESEMBARQUE perm. art. 9			
ASSINATURA DO IDENTIFICANDO Michelle Buyck			DOCUMENTOS Obteve c/ de identidade em 8.12.71 iac			
FEITA POR e.s.			CONFERIDA POR		VISTO	
SECRETARIA DA FAZENDA JOSE DIZ SANTOS Rua 7 de Abril, 176 - No. 97 Rio de Janeiro, 2002			ÓRGÃO DE ORIGEM PROTOCOLO		PROTOCOLO SEDE	
S. G. - S.S.P. - Mod. 18-A						

Registro de Estrangeiros de Michelle Gilberthe Marie Buyck. Secretaria de Segurança Pública do Rio de Janeiro. Acervo: Arquivo Nacional/RJ; Arqshoah/Leer-USP.



O casal Buyck, pais de Michelle, na cabine do navio durante a viagem ao Brasil. Agosto de 1948. Acervo: M. Schott/SP; Arqshoah/Leer-USP.

No primeiro dia de viagem serviram pão. Eu logo perguntei: “O que é isso? É um bolo?” Todo mundo morreu de rir, porque o pão era branco e o pão que a gente tinha na França era cinza, cinza! Colava na faca! Mesmo em 1948, três anos depois do fim da guerra, a gente tinha muitas restrições para comida e ainda recebíamos *tickets* para comprar pão, que continuava racionado. Eu tinha 14 anos, (já) com a minha altura atual. A bordo estavam 22

estudantes brasileiros, a maioria de classe alta, que tinham ido estudar advocacia em Paris. A gente jogava cartas, aprendi a jogar, que adoro até hoje: um jogo de “paciência” a dois, que se chama “Crapaud” (Sapo). Muito legal! Conosco estava um casal de suecos imigrantes, que foi levado para a Ilha das Flores porque viera sem dinheiro. Mais tarde, o marido foi contratado pelo Butantã, foi nomeado diretor do Instituto. Nós viemos com dinheiro, pois meu pai conseguiu vender algumas coisas na França.

Recife foi a primeira parada no Brasil e a primeira cidade que eu vi com suas praias. Fiquei deslumbrada! Achei muito engraçado certas pessoas que eu via na rua, porque naquela época as brasileiras se casavam muito cedo. Meninas de 12 anos andavam vestidas como mulher adulta, de salto alto e maquiadas! Lá nós tomamos Coca-Cola pela primeira vez. Eu achei com gosto de produtos químicos, de remédio. Detestei. Hoje também não gosto! Adoro água... Sou uma francesa desnaturada, porque os franceses entendem de vinho. Mas água? Digo de olhos fechados: essa água é Lindóia, essa é Minalba. Eu entendo de água!

O recomeço no Brasil

Assim que chegamos ao Rio de Janeiro, meu pai foi trabalhar na Fábrica Nacional de Motores (FNM), em Petrópolis, onde estavam fabricando caminhões, e testavam e consertavam motores de aviões. Nós observávamos esse “testar de motor de avião”, que



Raymond Louis Edmond Buyck, pai de Michelle, na residência dos engenheiros da Fábrica Nacional de Motores (FNM), em Xerem, Petrópolis, 1948.

Acervo: M. Schott/SP; Arqshoah/Leer-USP.

ficava dentro de um “bunker” de cimento armado. Olhávamos por uma janelinha com vidro supergrosso. Mas isso não tinha nada a ver com meu pai. As peças para os caminhões chegavam em caixotes apropriados para máquinas, mas ninguém entendia de nada! Meu pai foi contratado pois entendia do assunto por ter trabalhado na Citroën. Anos depois, ele foi para S. Paulo trabalhar na Simca e depois na Ford Willys, onde assumiu o cargo de diretor, encarregado da fabricação dos carros Gordini e Dauphine, da Renault.

Na época da nossa chegada ao Brasil, depois de cinco meses, minha avó materna Marie Louise e minha tia Yvonne decidiram também vir para cá. Minha tia, sendo solteira, me considerava como sua filha. Ela pediu demissão do colégio em Montargis, onde lecionava história, geografia e francês. Compraram passagem para o Rio de Janeiro e vieram definitivamente atrás de mim, pois haviam me criado como filha. Alugaram uma *kitchenette*



Michelle Schott, feliz no Brasil, com o filho Alan.

Copacabana, Rio de Janeiro, 1959.

Acervo: M. Schott/SP; Arqshoah/Leer-USP.

no bairro Laranjeiras, no Rio de Janeiro, pois não tinham dinheiro para uma coisa melhor. Por sorte, minha tia foi contratada para trabalhar no Colégio Francês e eu fui morar com elas durante dois anos, no Rio. Elas dormiam num sofá-cama e eu em uma poltrona que abria como se fosse uma cama. Tempos difíceis! Fiquei com elas até o momento em que meu pai deixou a Fábrica Nacional de Motores em Xerém, perto de Duque de Caxias, e veio morar no Rio. Depois de muitos anos, quando minha tia Yvonne se aposentou, elas voltaram para a França e foram morar em Cannes. Cheguei a visitá-las várias vezes, até a morte da minha avó, em Paris, com 104 anos. Yvonne faleceu antes.

Histórias de resistência e solidariedade

Em 1969, casei-me com Ronny Schott, que é meu segundo marido, e com quem estou há 47 anos. Meu primeiro marido era americano. Conheci Ronny em S. Paulo, depois do meu divórcio, porque era filho de um dos amigos do meu pai. Meu pai e o pai de Ronny trabalhavam juntos na Ford Willys.

Em 1972, fomos visitar minha tia e minha avó em Cannes e também visitar alguns primos de Ronny, em Amsterdã, na Holanda. Aproveitamos para conhecer a casa de Anne Frank, hoje museu. Gostei demais! Era inverno! Quando estávamos na casa dos tios de Ronny, o primo dele abriu um álbum de fotografias e nos mostrou a fotografia de sua mãe, uma mulher que eu não conhecia. Aí estranhei demais!!! Perguntei: “A sua mãe não é a tia de Ronny?”

Então ele riu e explicou:

— Quando meus pais foram levados para o campo de concentração na Alemanha (cujo nome não sei) por volta de 1944, uma vizinha nos escondeu durante toda a guerra: minha irmã e eu. Eu era pequeno, com apenas 4 anos, por isso chamava ela de mãe. Ela ainda é minha segunda mãe, que eu adoro, mas é claro que minha mãe de verdade é a tia de Ronny, meu primo. Após a guerra, cerca de um ano e meio depois, a Cruz Vermelha localizou meus pais verdadeiros, que não sabiam onde estavam seus filhos. Então, essa mulher é a minha mãe na Holanda, onde existe muita gente que ajudou a esconder judeus.

Abro um parêntese sobre essas pessoas que tomaram a iniciativa de resistir ao jugo do inimigo: sozinhas, em duas ou três pessoas, em grupo ou até um vilarejo inteiro, para esconder e salvar crianças judias. Na França essas pessoas foram chamadas depois da guerra de “Les Justes” (Os Justos). E, em 1963, foi instituído o título “JUSTE PARMİ LES NATIONS”. A França teve 2.646 “Justes” reconhecidos, fora outros é claro. Como, por exemplo, cito: o vilarejo de Chavagnes, na Vendée, para evitar a deportação de muitas crianças; o vilarejo de Chambon-sur-Lignon, que escondeu 5 mil judeus; e na região da Kreuse, onde um vilarejo escondeu e escolarizou, dentro de um *chateau*, mais de 400 crianças judias. Tem ainda o famoso casal Shatta e Bouli Simon que, numa casa em Moissac, ajudados pelos habitantes, salvaram 300 crianças judias. Outro casal, Moussa e Odette Abadi, na clandestinidade salvou mais de 500 crianças. Deve-se comentar também o cônsul de Portugal em Bordeaux, Aristides de Sousa Mendes, que providenciou, nas barbas dos alemães, passaportes e salvou perto de 30 mil pessoas (emigrantes e judeus).

Importante lembrar que os avós de Ronny eram de Berlim e muito ricos. Gunter Shimshon Schott, pai de Ronny, vivia em festas. Com 18 anos, ele foi com três amigos (usando o carro de um deles) para a Palestina, por idealismo. Naquela época, a Palestina era Protetorado da Grã-Bretanha, ou seja, dos ingleses. Para terem um emprego, os três amigos se ofereceram como voluntários do Exército inglês, momento em que Gunter conheceu Heddy, que viria a ser mãe de Ronny, que também estava no Exército inglês. Ela recebeu, inclusive, medalhas de honra. Enquanto isso, os avós de Ronny, judeus, durante a guerra na Europa, foram levados para um campo de concentração. Nunca mais se ouviu falar deles; com certeza foram mortos no campo. Após a guerra, a maioria das pessoas que sobreviveu ao Holocausto foi para a Palestina. Esses imigrantes eram ilegais, pois os ingleses não deixavam desembarcar e, se presos, eram enviados para Chipre. Um desses navios chamava-se Exodus, clandestino. Então, o pai de Ronny durante o dia atuava no Exército inglês, e à noite estava nas praias, ajudando, no escuro, os imigrantes ilegais a desembarcar. Ronny nasceu em Tel Aviv, no ano de 1944, quando ainda não existia o Estado de Israel.

Após a criação do Estado de Israel, o pai de Ronny assumiu o posto de tenente no Exército de Israel, sendo homenageado por seu ato de heroísmo, fato registrado no livro *As batalhas do Hativat Hasaken*, no capítulo “Após a queda de Kfar Yehudieh” (Relatório de 4 de junho

de 1948 sobre o comportamento excepcional em batalha), assinado pelo major Menahem Almadon do Exército de Defesa de Israel. A tradução em inglês do original hebraico foi feita pelo Dr. Elchanan Oren, historiador oficial do Exército israelense, localizada por sua irmã, em Jerusalém.

Minha mensagem para as futuras gerações

Eu gostaria de comentar uma coisa: enquanto estávamos na Fazenda em “La Vallée”, eu assisti a fileiras e fileiras de soldados alemães se retirando e fugindo perto de nossa casa, logo após o desembarque dos Aliados, no dia 6 de junho de 1944. Eram todos jovens, arrebatados de cansaço, quase ainda crianças, com 18 a 19 anos. Fiquei (quase que) com dó deles, com meus 10 anos, aquele absurdo de uma guerra sem necessidade, custando a vida de tanta gente!

E agora, alguém se lembra? Serviu para alguma coisa? E esse episódio da minha vida me faz pensar também na imbecilidade da guerra das Malvinas, que fez com que muitos jovens da mesma idade – que gostavam das mesmas músicas, tomavam os mesmos refrigerantes – matassem por causa das ordens de dois dirigentes de dois países!!!!

Do meu passado: lembro-me sempre de uma menina da minha classe, que foi levada presa e depois encaminhada para um campo de concentração. Isso aconteceu na minha frente, me chocou muito. Eu era pequena, com apenas 7 anos. Nunca consegui esquecer. O fato também de ter vivido debaixo de muitos bombardeios e ter visto muitas escolas bombardeadas com crianças lá dentro! A sorte que não aconteceu com minha escola. Mas passou, passou. Não podemos arrastar a memória das tragédias dentro de nós.

Meu pai, Raymond Buyck, faleceu em 1989 no Guarujá (SP), e minha mãe, Edmonne, em 2006 na cidade de S. Paulo. Hoje, com 82 anos, estou contente em saber que não vou precisar viver bastante tempo e testemunhar esse mundo que está cada vez pior nas mãos de alguns poucos, que só pensam em si, tomam o poder e dominam o maior número de pessoas, fazem delas os seus súditos. Penso que o mundo tem que se unir para não cair nas mãos desses ditadores, muitas vezes

monstros, pois veja a questão dos refugiados do Afeganistão, da Síria. Veja que a Islândia está aceitando imigrantes para abrigar em suas casas. Mas, tem tanta gente má neste mundo... Não sei o que será do futuro dos nossos jovens que, hoje em dia, são diferentes da geração dos seus pais, um pouco mais conscientes do que está certo ou errado e, principalmente, mais conscientes sobre a Natureza.